

INFORMATIVO

# FRANCISCO

VERÃO 2020 | ANO V | Nº 20

Escola Waldorf  
Francisco de Assis



35 ANOS





# EDITORIAL

por Tereza Racy

## "O amado Bal Shem Tov estava à morte e mandou chamar os seus discípulos"

- Sempre fui o intermediário de vocês e agora, quando eu me for, vocês terão que fazer isso sozinhos. Vocês conhecem o lugar na floresta onde eu invoco a Deus? Fiquem parados naquele lugar e ajam do mesmo modo. Vocês sabem acender a fogueira e sabem dizer a oração. Façam tudo isso e Deus virá.

Depois que o Bal Shem Tov morreu, a primeira geração obedeceu exatamente às suas instruções e Deus sempre veio. Na segunda geração, porém, as pessoas já se haviam esquecido de como se acendia a fogueira do jeito que o Bal Shem Tov lhes ensinara. Mesmo assim, elas ficavam paradas no local especial da floresta, diziam a oração e Deus vinha.

Na terceira geração, as pessoas já não se lembravam de como acender a fogueira, nem do local na floresta. Mas diziam a oração assim mesmo, e Deus ainda vinha.

Na quarta geração, ninguém se lembrava de como acendia a fogueira, ninguém sabia mais em que local da floresta deveriam ficar e, finalmente, não conseguiam se recordar nem da própria oração.

Mas uma pessoa ainda se lembrava da história sobre tudo aquilo e a relatou em voz alta.  
"E Deus ainda veio."

Essa singela história, trazida por Clarissa Pinkola Estés, no livro *O Dom da História*, fala-nos da esperança que jamais morrerá pois sabemos, dentro do nosso íntimo, que sempre haverá alguém que a contará. E, nesse momento, a luz da estrela guia nos remeterá ao nascimento do menino Deus, acendendo dentro do nosso peito a chama do amor que nunca se apagará... enquanto houver um para contar ...

Um harmonioso Natal e um Próspero Ano Novo.

# SUMÁRIO

## 04 | REFLEXÃO DE ÉPOCA

- Era uma vez
- Contar histórias: imagens, inspiração e transformação
- A importância dos contos no segundo setênio
- Época do Advento

## 14 | FOLHA LIVRE

Quarto Setênio: dos 21 aos 28

## 16 | FALANDO COM A DOUTORA

João e Maria

## 18 | A VOZ DA COMUNIDADE

O Respeito e a Inclusão

## 20 | É ASSIM QUE SOMOS

O Sentimento que Reínavia em Mim

## 22 | NOSSO ALIMENTO

História e Receita

## 24 | ACONTECEU EM CASA

## 26 | INSTÂNCIAS

- Governança
- Conselho Deliberativo
- Diretoria Executiva

## 28 | NAFUNÇÃO

Delicadas Impressões

## 30 | VIDA EM VERSOS

# EXPEDIENTE

**Editorial:** Tereza Racy

**Equipe Informativo Francisco:** Felipe Kertes;  
Rosa Crepaldi ; Tereza Racy ; Thiago Borazanian;  
Vidal Bezerra.

**Colaboradores nesta Edição:** Angela Berardo,  
Bernadete Kambe, Carla Guedes, Carolina Vaz  
Sant'Anna, Cássio de Sant'Anna, Denise Seignmartin,  
Ivani Lasco Rotundo Simões, João Camilo, Kyrieh Tonelli  
Racy Ferreira, Luciana Lourenço Joaquim, Marianne  
Beatriz Adelia Edle Von Schmadel, Mônica Raquel Vaz  
Sant'Anna, Pedro Cerri e Veridiana Gincó.

**Projeto Gráfico e Diagramação:** Felipe Kertes

**Capa:** Bijde Hansje | Imagem autorizada pela artista

**Fotos:** Arquivo EWFA

O **Informativo Francisco** é uma publicação trimestral da Associação Humanista Francisco de Assis (EWFA) e é distribuído gratuitamente.

É proibida a reprodução total ou parcial de textos, fotos e ilustrações, por qualquer meio, sem prévia autorização dos artistas ou do editor do Informativo.

Sugestões, comentários e críticas para  
[secretaria@ewfa.com.br](mailto:secretaria@ewfa.com.br)

Av. Basileia, 149 | Lauzane Paulista | São Paulo - SP  
CEP 02440-060 | (11) 22310152 | (11) 22317276

[www.ewfa.com.br](http://www.ewfa.com.br)



@ewfa\_oficial



@ewfa\_infantil



@EWFAoficial



**Escola Waldorf  
Francisco de Assis**



## REFLEXÃO DE ÉPOCA

# Era uma vez

por Rosa Crepaldi | Ex-Professora da EWFA

**E**ntre o “era uma vez e felizes para sempre” existem histórias que vêm se perpetuando há séculos na imaginação de crianças e adultos. Os Contos de Fadas têm origem remota, onde a humanidade não havia amadurecido o intelecto. Havia a clarividência, um estado de consciência imaginativa e enxergava-se a essência do mundo e, desta vivência, o homem construiu uma história diferente: o Conto de Fadas.

Charles Perrault inaugurou o gênero em 1697 e os irmãos

Grimm, em 1814, recolheram contos e editaram o primeiro volume com vários contos de fadas. Reconheceram a profunda verdade das imagens dos contos transmitidos de geração a geração, pela tradição oral. Logo estes contos penetraram nos lares europeus e conquistaram o coração das crianças de todo continente. Rudolf Steiner os estudou intensamente como sendo um tesouro espiritual da humanidade. Eles são uma transposição direta em imagens de conteúdos supra sensíveis, vivenciados de fato. Por exemplo: em 1697 a França passava fome,

sofia com as doenças e guerras e as crianças eram as mais sacrificadas. Eram abandonadas nas florestas ou estradas, orfanatos onde morriam de fome, doenças e mau tratos. Por isso nos contos as crianças são expulsas de casa, obrigadas a trabalhar, maltratadas pela madrasta, aprisionadas por bruxas, etc.

A palavra fada, ligada aos contos, nos leva a esperar algo misterioso, algo que nos fala de um mundo diferente deste nosso que é visível e palpável. Os contos de fadas ainda hoje encantam crianças e adultos de



todo mundo. Eles nos tocam profundamente e nos deixam pensativos como que saboreando algo ao nível do sentimento. Na visão de Steiner, os contos têm um efeito inconsciente na alma ao resgatar, por meio de imagens significativas, o longo percurso do amadurecimento humano na Terra. As imagens trazidas mostram como o homem deve reconhecer caminhos do desenvolvimento da individualidade (tarefas, perigos, provocações) que precisam ser superados.

O reino infantil é imenso, ilimitado e quem fala e vive com crianças, encontra-se com os mistérios da existência humana. Na primeira infância, a criança é permeável à todas as influências do meio ambiente e, por sua vez, transmite diretamente a esse mundo tudo o que se passa dentro dela. O conto de fadas não é um passatempo para distrair as crianças. É um elemento vital em que se move a alma da criança e do qual forças de fantasia irradiam para muitas atividades, permeando toda a vida anímica dos pequenos.

Os contos de fadas surgiram primeiro na imaginação dos homens. Eram transmitidos oralmente de geração em geração, e seu aparecimento se deu há muitos séculos, antes da era cristã. Portanto, a origem é bem remota e é de uma época em que a humanidade não tinha consciência tão desperta como hoje e era informada através de imagens faladas e pintadas. As pessoas tinham uma clarividência primordial, vivenciavam realmente o mundo espiritual em suas formas mais variadas. O ser humano estava internamente ligado à natureza. A humanidade vivia predominantemente em estado de consciência imaginativa, cujo remanescente atual é o sonho.

Segundo Rudolf Steiner, o conto de fadas é um autêntico alimento anímico. Ele sacia a fome interior durante a vida inteira, conferindo vitalidade às imagens anímicas mais recônditas. Por toda nossa vida, passa pelas mais profundas vivências da alma aquilo que se expressa no conto de fadas. Ele equivale a um pequeno drama que é representado no nosso

**“Contos e mitos são como um anjo bom que a pátria dá ao homem desde seu nascimento por acompanhá-lo em sua caminhada pela vida, para que lhe seja um fiel companheiro durante toda essa caminhada e, por oferecer-lhe essa companhia, faça verdadeiramente dessa vida um conto de fadas interiormente animado!”**

(Rudolf Steiner, *Contos de Fadas*)

palco interior. Os personagens pertencem a nossa interioridade ou ao nosso inconsciente coletivo. As crianças vivenciam nos contos as necessidades e integração de todos os elementos num todo coerente e com final feliz. As imagens simbolizam a direção evolutiva da humanidade e, ao vivenciá-las, a criança passa por todos os seus aspectos evolutivos, espelhando-os. Em cada conto há um sutil ecoar de atmosfera anímica e o que talvez possa ficar esclarecido em alguns contos, não conseguimos aplicar a outros que sejam considerados realmente

autênticos. As pessoas estão se afastando cada vez mais desse mundo espiritual e a verdadeira clarividência será reservada só àqueles que praticam uma auto-educação.

Até hoje, muitos pesquisadores, psicólogos, estudiosos, tentam decifrar os contos de fadas. Muitas versões são dadas, mas que não são completas, pois sempre surgem dúvidas que não são esclarecidas. Segundo Steiner, em cada conto os significados podem ser diferentes. Cada personagem é uma imagem arquetípica da humanidade que existe em todas as pessoas. Os conteúdos dos contos de fadas são próprios para os pequenos e sua importância está na condição de sementes que, lançadas na alma, produzirão sentimentos, ideias e ideais. Respeito pelo conto significa respeitar a própria criança em seu mundo espiritual. A criança traz consigo angústias que os contos podem ajudar a dissolver, pois sempre acaba com um final feliz e deixa a criança tranquilizada. Enfim, é um assunto que nunca se esgotará. Está presente no coração de cada um. As sabedorias que vivem nos contos de fadas realmente nutrem a alma dos seres humanos e fortificam para a vida futura. O verdadeiro conto de fadas é para a alma da criança uma fonte de água da vida. É um alimento que enche de colorido, embeleza e traz verdades. ★

### Bibliografia

- Steiner, Rudolf – *Os Contos de Fadas, sua poesia e interpretação*
- Steiner, Rudolf – *A Educação da Criança Segundo a Ciência Espiritual*
- Lanz, Rudolf  
*A Pedagogia Waldorf*
- Coelho, Nelly Novaes  
*O Conto de Fadas*
- Passerine, Suely  
*O Fio de Ariadne*
- Stash, Karin  
*O Contador de Histórias*



## REFLEXÃO DE ÉPOCA

# Contar histórias: imagens, inspiração e transformação

por Marianne Beatriz Adelia Edle Von Schmadel | Professora de Classe do 5º Ano da EWFA



odos os dias em nossa escola, a aula principal (nas duas primeiras horas da manhã) termina com o professor de classe contando uma história, ou parte de uma história contada aos poucos. A escolha é feita de acordo com a idade das crianças, a Época (período em que, durante quatro semanas, o professor mergulha num tema com seus alunos) ou as estações do ano, marcado pelas festas cristãs. A Páscoa, no início do Outono, São João, no Inverno, São Micael, na Primavera, e o Natal, no Verão. Nas escolas Waldorf, contam-se histórias sempre, desde o

Jardim de Infância até o fim do Ensino Médio, como se fosse um “currículo da alma”, ou seja, um conteúdo que atende, através de imagens, objetivos pedagógicos e anímicos necessários a cada momento antropológico de desenvolvimento da criança, sendo que a decisão sobre qual tipo, ou que história contar, é sempre do professor de classe.

As histórias são usadas também como tema e inspiração para os alunos desenharem ou pintarem.

**Os tipos de contos e narrativas relacionados às Épocas são:**

- **Contos de fada** - 6 a 7 anos

- **Fábulas e Lendas de Santos** - 8 anos
- **Histórias do Antigo Testamento** - 9 anos
- **Mitologia nórdica** - 10 anos
- **Mitologias desde Atlântida até Grécia** - 11 anos
- **Roma** - 12 anos
- **Biografias** - 12 aos 14 anos

A organização de uma aula principal busca um desenvolvimento equilibrado das capacidades de pensar, sentir e querer (aula trimembrada) e as histórias, no final da aula, atuam sobre o Sentir e, como já disse, são um alimento anímico importante para as



crianças, tendo grande importância para sua formação ética e moral, e para o desenvolvimento da linguagem, memória e imaginação.

O professor precisa preparar-se antes de contar uma história, lendo diversas vezes até ter a segurança da sequência de imagens para contar com as próprias palavras, tentando ser o mais fiel possível ao texto original, e, assim, conseguir transmitir com profundidade e serenidade.

A história precisa estar interiorizada pelo professor que, ao contar, está vivendo junto aquela imagem, com o sentimento, emoção de quem conta, mas não é preciso mudança no tom de voz conforme personagens e narrativa. Nos vemos dentro da história, e quem escuta mergulha junto nessa vivência.

No Ensino Fundamental, cada dia, antes de continuar a história, o professor estimula os alunos a contarem, de forma livre, o que eles se lembram do que foi contado no dia anterior. Não devemos tentar interpretar ou achar alguma “moral da história” para as crianças. As imagens vivenciadas por elas irão devagar amadurecer, de maneira leve e inconsciente, e auxiliando a aprender a lidar com a diversidade dos sentimentos.

Quando oferecemos histórias que tenham conteúdo, valor moral, pastores, príncipes, alguém que luta pelo que quer, outro que sofre as consequências da maldade, por exemplo, de um lobo, de um dragão que sempre estarão à nossa volta, sem negar ou aniquilar, mas enfrentando – todas estas imagens – correspondem à profundas realidades interiores de cada um de nós.

Os contos e histórias são, segundo Rudolf Steiner, um tesouro espiritual da humanidade. Fruto de vivências primordiais da existência humana, e sua atuação tem um efeito inconsciente na alma ao resgatar, por meio de imagens significativas, o longo percurso do amadurecimento humano na Terra.

Acompanhando a época de Botânica do quinto ano, com o estudo da imagem integral da planta primordial, com seus mistérios, transformações e sua relação com a terra e o sol, relaciono estas características com a alma da criança de 11 anos, prenunciando e preparando a manifestação do corpo astral que se aproxima. Assim, neste intuito, ofereço o conto abaixo e desejo um Feliz Natal para toda a comunidade da Escola Waldorf Francisco de Assis. ★

## O Despertar das Sementes (Traugott Vogel)

O fazendeiro caminhava entre os torrões de terra úmida e lançava as sementes de trigo nas covas. Viu então um grupo estranho acercando-se a ele: um homem puxava atrás de si um burro cansado, sobre o qual estava sentada uma mulher, que levava um recém-nascido nos braços. Pararam na beira do campo, e esperaram que o fazendeiro se acercasse deles. E quando chegou a seu lado, o homem, que levava o burro, nem falar, de tão cansado. Com a manga da camisa tirou o suor da testa e a outra mão, pesada, passada por cima dos olhos do burro. Era como se burro, mulher e criança estivessem dormindo.

Será que poderiam atravessar o campo, perguntou então o viajante, mostrando a floresta que beirava o campo do outro lado. Ele falava uma língua que o fazendeiro nunca havia ouvido, mas que, no entanto, compreendeu.

- Não! - respondeu o fazendeiro, curto e grosso, agachou-se e despejou o resto das sementes de seu bolso num saco. Pois o que pensavam esses mendigos, pensou indignado, querer atravessar seu campo, pisando os grãos recém-semeados!

Mas o caminhante com o burro não arredou pé ficou parado ali, torcendo a corda do cabresto e acanhado disse, então, que estava fugindo, que estavam sendo perseguidos, e que lá na floresta esconder-se com a mulher e a criança.

- Fugindo? - repetiu o fazendeiro, olhando surpreso para eles. Observou o homem, o burro, a mulher e o pequeno embrulho que ela carregava no colo. Não perguntou o que haviam feito para que tivessem que fugir. Bastou-lhe saber que os estrangeiros estavam em perigo e deu-lhes passagem. José puxou o animal para cima dos torrões de terra e atravessou o campo.

O fazendeiro seguiu-os com a vista. Sob os cascos do animal ia surgindo algo amarelinho, que foi ficando verde claro, verde intenso, e crescia rapidamente. De forma tão rápida brotaram os grãos, floresceram, amadureceram, e já as hastes balançavam ao vento, e as folhinhas farfalhavam sob o sol.

Quando os fugitivos desapareceram da floresta do outro lado, chegaram soldados em cavalos na estrada.

- Ei, fazendeiro! - gritou um deles, - vistes um nazareno com mulher e filho montados num burro? O rei mandou que matássemos uma criança!

- Certamente, - disse o fazendeiro, inclinando-se e tirando o gorro da cabeça. – Eu os vi.

- Eles passaram por aqui? O caminho para o Egito passa por teu campo! Não mintas!

- Senhor, não estou mentindo! Certamente passaram por aqui!

- Quando foi isso? Dize!

- Foi quando eu estava semeando o trigo. E agora está aí, pronto para ser colhido.

- Quando semeaste? Já faz tanto tempo? Então jamais os alcançaremos. Voltem, a caça terminou. Foi inútil.

Deram a volta e desapareceram ao longe.

O fazendeiro deu uma volta ao seu campo, andando bem devagar, tomando as pressas do cereal entre os dedos, pensativo e feliz.

E desde então há uma bênção sobre o cereal.

*Querido menino!  
Pequeno Divino!  
A natureza fala de Ti,  
e de tudo que fizeste aqui!*

**Livro:** Querido Menino - Lendas sobre animais, plantas e o Menino Jesus  
**Tradução:** Karin Stasch  
**Revisão:** Ana Cecília de Barros Osterroht



REFLEXÃO DE ÉPOCA

## A importância dos contos no segundo setênio

por Carla Guedes | Professora de Classe do 3º Ano - EWFA



s contos e histórias trazidos aos alunos do 1º ao 5º ano são instrumentos de ouro da Pedagogia Waldorf. Eles são sempre contados ao final da aula principal, diariamente, e carregam um elemento de regularidade e tranquilidade para os alunos.

Através das narrativas diárias, de forma artística e elaborada, dos contos de fada no primeiro ano escolar desenvolve-se a sensibilidade em relação à fala. O conto possibilita a transição da linguagem popular

para a linguagem culta, promove o aumento do vocabulário e trabalha, pelas imagens arquetípicas, fatos ligados ao desenvolvimento da alma da criança ao redor dos sete anos. Ele também vem imbuído de despertar a criança sonhadora para a realidade de seu ambiente, trazendo à consciência os animais, as plantas, rios, por meio de histórias cheias de fantasia. Contribui para o desenvolvimento anímico harmonioso das crianças. Já no segundo ano escolar, quando criança está ao redor dos oito anos, trazemos as fábulas e as lendas, bem como histórias da natureza. Essas

narrativas representam duas áreas da atuação humana e vão de encontro à dualidade que a criança se encontra. Nas imagens das fábulas, que devem ser trazidas sem qualquer conteúdo moralista, trabalhamos o sentir, de forma bem humorada. As narrativas permitem à criança vivenciar, refletir pelas imagens, as atitudes e os sentimentos animalescos que todos nós temos como instinto (cobiça, astúcia, inveja...), bem como, aqueles polarmente opostos, pelas lendas (que harmonizam a unilateralidade) e que mostram o homem em busca da perfeição. A superação, como



aspiração mais elevada, como o ensinamento de amor ao próximo, a renúncia ao luxo e outros, se dá pelas lendas em geral e as de Santo. Tanto as fábulas como as lendas oferecem, pela sua linguagem, a oportunidade de levar às crianças um estilo bem diferente daquele dos contos de fada. Eles percebem que embora muito concisa a fábula, ela leva a refletir, enquanto a lenda traz um caráter sentimental.

Com a chegada do rubicão, no 3º ano escolar, a criança está se despedindo da primeira infância e agora ao redor dos nove anos, vive um grande turbilhão, onde se vê separada do mundo ambiente, confronta com os novos sentimentos e descobertas (que leva a uma distinção entre o mundo interior e exterior). A mitologia hebraica vem de encontro com a alma dessa idade, trazendo o alimento adequado. Pelas narrativas, a criança conhece a história da humanidade, as noções práticas do mundo e vivencia a responsabilidade do ser humano perante o mundo. Ao escutarem essas narrativas enriquecem sua sensibilidade em relação a mais um elemento estilístico. Paulatinamente perdem o desejo de ouvir descrições do mundo ao redor em forma de

histórias cheias de imagem. Nestes três primeiros anos também o professor tem à mão um valioso recurso, que chamamos de contos pedagógicos, que podem ser criados pelo próprio professor, buscando através das imagens, trabalhar questões comportamentais, como por exemplo, de agressividade, medo, ou qualquer outro que possa ajudar na prática pedagógica e diretamente numa situação particular de uma criança ou de um grupo de alunos.

No quarto ano escolar, as crianças têm uma grande mudança, estão mais maduras e cada vez mais se apropriam do pensar, trazendo muitas perguntas sobre o mundo. Agora querem estruturar seus pensamentos. A atenção está voltada definitivamente na natureza tal como é percebida pelos sentidos. Então, as narrativas chegam através das histórias da mitologia nórdica e da mitologia indígena, que vão trazer essas respostas, apresentando à criança o mundo no início de tudo. Como já tiveram a mitologia hebraica, olharão com esses contos a Criação sob outro ponto de vista. Isso faz nascer na criança a disposição de observar algo de diversos lados. Enfim, no 5º ano escolar, as crianças estão ao redor dos onze anos e

possuem uma abertura espontânea muito grande, permitindo conhecer muitas narrativas. Nesse momento chegam as primeiras civilizações do Oriente. Essas obras que vêm geográfica e cronologicamente de muito longe e que provocam admiração, ao mesmo tempo, são ferramentas que proporcionam aos alunos receberem com interesse e respeito obras de culturas diferentes. A criança agora, dizemos, está no mundo terreno, confronta-se e percebe a realidade. Esses contos trazem a realidade de povos primitivos, através de imagens cheias de significado. A criança vivencia de forma imediata toda alegria da existência do mundo dos sentidos.

Assim, percebemos que os contos e histórias que permeiam os anos escolares são um instrumento pedagógico importante do professor, mas também vão de encontro ao momento de cada idade escolar, ajudando, imprimindo e impulsionando a alma em desenvolvimento. ★









# FINN – UM CONTO DE NATAL

(Conto popular da Irlanda)

Em tempos passados, quando os povos da Irlanda ainda eram guiados por muitos nobres e reis, vivia na ilha verde um jovem pastor, que sobrepujava todos os outros jovens, tanto em seu trabalho quanto na batalha. Seu nome era Finn.

Sucedeu certa vez, durante uma guerra, que Finn ficou sozinho com o seu rei no campo de batalha, depois da luta. Exausto do combate, o velho rei estava apoiado em seu escudo, e pediu ao jovem guerreiro: - “Tu tens um gole d’água para que eu recobre as minhas forças?” Finn percebeu pela primeira vez que a fraqueza tinha poder também sobre seu rei, e um pensamento orgulhoso começou a arder em seu coração: - “Eu somente quero servir àquele senhor que não tiver fraquezas, e que for mais forte em tudo.”

Esse pensamento tornou-se uma força em sua alma e o impulsionou a procurar o senhor mais digno. Logo ele abandonou os seus rebanhos, e errou de um lugar a outro, de um rei a outro à procura do mais forte dos fortes.

Porém em toda a Irlanda ele não encontrou um homem que fosse livre de fraquezas. Por fim começou a perguntar a si mesmo: - “Teria eu promovido toda essa busca para descobrir a mim mesmo como o mais forte?” Assim o seu desejo orgulhoso se transformou em altivez.

Quando isto aconteceu, na Irlanda acabara de começar o inverno que ali traz consigo tempestades violentas e chuvas frias. Certa noite Finn encontrara abrigo na choça de um velho pecador que vivia numa península do mar aberto no extremo oeste. Enquanto lá fora a tempestade uivava e a chuva batia contra os trapos de couro que tampavam a entrada os dois homens ficaram durante muito tempo sentados em volta da fogueira sem dizer nada. Por fim o velho indagou:

- “O que buscas?”

- “O mais digno rei dentre os fortes da Irlanda.”

- “Mesmo que tu procurares pela terra inteira, não encontrarás nada que seja mais forte que o todo poderoso oceano que circunda a nossa ilha.”

O pescador jogou um punhado de cavacos resinosos na brasa e uma poderosa chama se levantou.

- “Isso veremos!” gritou Finn.

Ele se precipitou para fora, para a noite, correu até a praia, onde levou a canoa de peles do pescador até a água e começou a remar rumo ao mar aberto. Possuído por uma incrível raiva, ele lutou contra o vento e contra as ondas com violentos golpes de remo. Passaram-se horas e escureceu tanto que ele mal podia reconhecer a espuma sobre as ondas. Afinal ele pensou ver uma enorme sobra na escuridão à sua frente. Quando reconheceu ser uma ilha de rochas íngremes que se elevava no meio do mar furioso, já era tarde demais: uma poderosa rajada agarrou sua embarcação e a jogou sobre os rochedos. Finn foi arrastado pelas águas para fora do barco que destroçava, e arremessado sobre um bloco de pedra, onde ficou deitado.

Quando voltou a si, através do barulho do mar e do uivar da tempestade, um som maravilhoso, nunca dantes ouvido, chegou até ele. Até este dia Finn nunca havia escutado o som de sinos. Ele escalou as rochas seguindo os sons claros e chegou, assim, até uma casa construída de pedras rústicas e sem janelas.

Assim, ele simplesmente entrou.

Em frente de uma mesa de pedra, sobre a qual queimavam velas, estavam reunidos homens com trajes longos e grossos e depois que a porta se fechou atrás de si, Finn escutou que eles cantavam. Ele ficou parado e escutou.

O sininho continuava a tinir, e quando o canto cessava por alguns instantes, era como se o sino continuasse a cantar sozinho.

Depois um dos homens falou. Para Finn foi como se o som dos sininhos aumentasse até se tornar o grave e poderoso badalar de inúmeros sinos de catedral. Ele escutou palavras: “Hoje nasceu o Redentor, aquele que foi ungido Rei, o Senhor dos Senhores.” E, de repente, escutou-se através dos sons fortes, o choro de uma criancinha. Finn acreditou sentir o cheiro de esturmo de burro e na nuca sentir o bafo úmido e quente de uma vaca. Por um instante ele viu, no lugar da mesa de pedra, debaixo de forte luz, um recém-nascido, deitado sobre a palha. - “Por este sinal vós reconhecereis o seu poder milagroso: encontrareis uma criancinha envolta em panos, deitada numa manjedoura.” O dobrar dos sinos e o choro da criancinha foram dominados pelo rugir do vento e do mar. Já não eram o mar e o vento, e sim as vozes de todos os seres que se uniram em todos os confins da Terra para um infinito canto de louvor e glória a Deus e à dignidade dos homens.

Os homens na casa de pedra caíram ajoelhados e Finn com eles. Ele chorava. Passara a noite a cantar e a orar e de manhã o sol se levantou sobre o mar calmo e tranquilo, cumprimentado pelo sininho. Os monges eremitas, pois isso eram esses homens, convidaram Finn para ficar com eles e ele ficou doze dias e doze noites. Eles ensinaram-lhe, então, muito sobre o verdadeiro Senhor dos homens e das forças da Natureza.



## REFLEXÃO DE ÉPOCA

# Época do Advento

por Angela Bernardo | Tutora do 12º Ano EWFA



costume nas escolas Waldorf contar histórias mostrando como elas podem fornecer a força de vontade tão necessária

e escassa para a formação das crianças para torná-las adultos interiormente fortes.

A época do advento são as quatro semanas que antecedem ao Natal. Nessa época passamos a trabalhar mais efetivamente o nascimento da nossa individualidade, cheia de boa vontade.

Para conseguirmos que algo maior nasça dentro de nós, não precisamos de dinheiro e nem de

conhecimento científico, mas de um coração quente e sensível como os dos pastores que se dirigiram ao estábulo para contemplar a chegada do menino Deus.

O advento é um período de renovação, fé e principalmente da esperança de realizar somente o bem.

Para festejar os passos do advento existe o costume de fabricar uma coroa com ramos de pinheiro, em forma de círculo. Este é enfeitado com laços e fitas vermelhas. Sobre o círculo são colocadas quatro velas: azul, verde, amarela e vermelha. Elas simbolizam os Anjos que Deus enviou para a Terra para trazerem

luz aos quatro cantos do mundo. A coroa pode ser colocada em um local onde a família se reúna normalmente. Deve ser um local calmo, onde os familiares possam se sentar e refletir sobre o sentido da época. A cada domingo uma vela é acesa, de modo que, quando o dia de Natal chegar, as quatro velas estarão brilhando.

Esta tradição é uma ajuda externa que fala da esperança de os quatro corpos da criança, quais sejam, o corpo físico, o etérico, o astral e o Eu, nascerem perfeitos. Para isso a luz e o calor são meios necessários para a esperança psicológica e anímica poder florescer. ★



## História da Coroa do Advento

Muitos anos atrás, a Terra era muito diferente do que é hoje. Os homens não sabiam construir casas e tinham que viver em cavernas muito escuras. Não sabiam plantar nem cuidar da terra. Deus teve pena dos homens e chamou os Anjos para trazerem luz ao mundo e avisarem que iria mandar seu filho para conscientizar os homens.

O primeiro Anjo tinha asas azuis. Queria iluminar as cavernas e as grutas. Pediu ao sol raios de luz e os levou as cavernas. Os anõezinhos até hoje usam esses raios de luz para colorir as pedras preciosas.

O segundo Anjo tinha asas verdes. Saiu do céu bem cedinho, mas como voava muito devagar, chegou à Terra ao entardecer. Os raios de luz que esse Anjo trouxe, deram cor e perfume às plantas. Ensinou aos homens como se deve plantar, deixar a terra bem fofinha para receber as sementes. Trouxe também a chuva e com ela molhou a terra, encheu os lagos e fez os rios correrem mais rápido.

O terceiro Anjo tinha asas amarelas. Ele foi buscar os raios do sol e quando estava chegando à Terra os animais vieram ver aquela luz e se admiraram muito. O Anjo contou aos animais que iria nascer uma criança muito especial e que todos deveria se preparar para recebê-lo. Os pássaros fizeram músicas lindas, as borboletas coloriram suas asas. O vento levou a notícia por todas as partes da Terra.

O quarto Anjo tinha asas vermelhas e queria muito ajudar aos homens que nem esperou para ser chamado. Foi rápido falar com Deus, então recebeu uma luz especial que vinha do trono de Deus pai. Essa luz do quarto Anjo deveria ser colocada no coração de cada homem, mulher e criança, porque faltava muito pouco para a chegada o dia do nascimento de Jesus.

É por isso que até hoje acendemos quatro velas na Coroa do Advento. Para recordar os quatro Anjos que nos avisam da chegada do filho de Deus.

Feliz e santo Natal a todas as famílias...

“Preciso ser um outro  
Para ser eu mesmo  
Sou grão de rocha  
Sou o vento que desgasta  
Sou pólen sem inseto  
Sou areia sustentando  
O sexo das árvores  
Existo onde me desconheço  
Aguardando pelo meu passado  
Ansioso a esperança do futuro  
No mundo que combato morro  
No mundo porque luto nasço.

FOLHA LIVRE

## Quarto Setênio (21-28 anos)

por Luciana Lourenço Joaquim | Biocibernética Bucal



O ser humano representa um pequeno mundo, um microcosmo perante o macrocosmo. Ele contém em si todas as leis do mundo, todos os mistérios do mundo.

O corpo humano leva 21 anos para chegar às proporções definitivas, sendo que até os três anos de idade a criança se desenvolve mais do que em toda a sua vida: ela conquista a postura ereta, partindo da horizontalidade; desenvolve as bases do andar (1 ano), do falar (2 anos) e do pensar (3 anos).

Por volta dos 36 meses, ela se “reconhece”, dizendo “eu”, referindo-se a si mesma; desenvolve a marcha cruzada; apresenta a dentição completa (20 dentes de leite) e a conclusão do primeiro templo onde “céu e terra se encontram” no toque entre as duas arcadas. A criança ganha equilíbrio.

Aos 7 anos com o nascimento do 1º Molar Permanente a criança muda de rosto, pois seu rosto original não é visível quando ela vem ao mundo. Ela tem que encontrá-lo. Será uma descoberta e essa é a fase de

transição, onde ela troca os dentes da infância e vai se transformando em um adulto. Agora, com o nascimento dos dentes permanentes, um a um, ela vai identificando e formando a sua Identidade.

A palavra Identidade possui a palavra dente no meio, pois quando um indivíduo morre é através da arcada dentária que se identifica aquela pessoa.

Aos 14 anos nasce o 2º Molar Permanente, que tem relação com o sistema reprodutor. Nesta fase temos 28 dentes na boca.



- Na maxila-céu da boca (14 dentes)
- Na mandíbula-Terra (14 dentes)

Mas, ainda falta o dente do siso para completar o nosso segundo templo que surge aos 21 anos, com a crise da maior idade, onde o jovem decide a sua vocação.

**A dinâmica vai do Indivíduo (Cabeça) para o grupal (Social)**

A boca está inserida num corpo, num indivíduo, com toda sua estrutura física e orgânica. Por meio do conhecimento de como o corpo humano foi programado para funcionar, de como a sua biologia foi construída e desenvolvida e, também, da sua relação com o social e o cultural através dos tempos e dos espaços, nós, seres humanos podemos viver de forma harmônica e equilibrada, coerente com o eixo natural da vida. A boca e a oclusão são a sustentação mais importante para a manutenção desse eixo harmônico.

O andar da Vida na Terra está totalmente integrado ao andar de cada ser humano por sua própria vida. Ele se encontra, portanto, numa abertura de horizontes do ser sem limites, na possibilidade de conhecer o inesgotável. A necessidade de chegar a uma meta empurra-o para além de um horizonte já conquistado. Percebe que o horizonte ao qual está se aproximando desloca-o sempre mais, tem sempre uma nova meta para ser alcançada, parece que não chega, mas seu desejo afirma-o como certo. Nesta autopercepção, sente-se envolvido em algo maior, num mistério, num horizonte de todos os horizontes.

A Gestação Humana demora 28 anos para construir um ser humano na Terra,  
 $2+8=10=1+0=1$  (UNO)

Agora aos 28 anos com a Razão o ser humano se nutre através da Reflexão

e dos conceitos, juntamente com o término da formação do ápice da raiz do terceiro molar.

O “EU” permite que ele se erga, fale, pense, ande. A arte de questionar vai formando uma consciência do mundo e de si mesmo e dominando cada vez mais seus impulsos naturais (sexuais e alimentares). É a fase do Centauro (metade homem/metade cavalo) a fim de se tornar um ser livre. Há também a busca da identidade, a busca da profissão, a busca do companheiro(a) e a busca do lugar próprio (Lar).

## Do Incísivo ao Decísivo

São 32 dentes na boca compostos de cristais e estes possuem memória. Portanto, temos na arcada dentária 16 cristais em cima que ao tocarem os 16 cristais em baixo ressoam como se tocássemos um piano, seguindo a escala das sete notas musicais:

Incisivo Central - Dó

## Incisivo Lateral - Ré

## Canino - Mi

### 1º Pré-Molar - Fá

## 2º Pré-Molar - Sol

### 1º Molar - Lá

## 2º Molar - Si

### 3º Molar - Dó

O 3º Molar ou dente do Siso é o decisivo. É o último da curva. É o ápice da via sacra. É o Dó, uma vez que tudo na vida é em cima da base oito, de uma oitava. É a ligação com o Sacro, com o Absoluto, com a Religião, com a Metafísica, enfim, com a Profundidade. ★

"Se eu quíser  
falar com Deus  
Tenho que me  
aventurar  
Tenho que subír  
aos céus  
Sem cordas pra  
segurar  
Tenho que dizer  
adeus  
Dar as costas,  
camínhar  
Decídido, pela  
estrada  
Que ao fíndar, vai  
dar em nada  
Nada, nada,  
nada, nada  
Nada, nada,  
nada, nada  
Nada, nada,  
nada, nada  
Do que eu  
pensava  
encontrar".


Gilberto Gil  
(Se Eu quiseser falar com Deus)



FALANDO COM A DOUTORA

## João e Maria

por Ivani Lasco Rotundo Simões | Psicóloga

s nomes destes inocentes irmãos vivem na memória e vivências de cada um de nós! Será que é pelo fato de nos lembramos desses dois personagens de histórias desde a nossa infância? Do que mais nos recordamos do Conto de João e Maria, além de que seriam abandonados pela madrasta e pelo pai, que consentiu com a “crueldade”? Será que ficar morando na casa do pobre lenhador, sem alimentos, seria

a sentença de morte para as crianças? Pelo menos, parece que era assim que estes pais pensavam!

E teria sido exatamente por esse motivo que João precisava ser mais esperto do que todos, e tentar salvar a si e à irmã? A partir desse momento do conto, sentimos profunda empatia pelas crianças, largadas à própria sorte! Nós nos colocamos no lugar deles! Pensamos: - Como e por que o Criador permitiria que inocentes fossem submetidos a tais provas?

Ao chegar a esse ponto do conto, não sabíamos que os irmãos conseguiriam voltar para casa na primeira vez que foram abandonados na floresta! Qual não foi a decepção de todos ao constatar que teriam de cuidar de si mesmos e da própria sobrevivência! E, quando parecia que voltariam para a “segurança” da casa, novamente tentaram ludibriá-los! A ilusão das promessas de delícias, por meio daquela “doce casa” ofuscou as amargas intenções da velha bruxa!



O que nos consolava muito (e ainda consola os pequenos que acompanham esta saga) era o fato de que João ia conseguindo enganar diariamente a bruxa, que pretendia devorá-lo! E que a ingênua e inconsolável Maria criou a incrível oportunidade para arremessar ao fogo, aquela que havia feito o “mal” também a tantas outras crianças!

Por fim, o trabalho cooperativo entre os pequenos heróis apartou o “mal” a um plano sem poder! Sem contarmos que o tesouro escondido pela maldosa senhora, encontrado agora pelos irmãos, mais o resgate das outras infelizes crianças, realinhou a trajetória para o final feliz!

Ufa!

Pausa...

Mas...quem nós chamamos de “bruxa” hoje em dia?

Qual o “mal” que nos aterroriza?

O que fazer para procedermos com atos tão coordenados (como os de “João” e “Maria”) que resultaram em sucesso dessa “operação de autorresgate”?

Reparem que nenhum adulto apareceu para salvá-los!

Nenhum ser espiritual materializou-se para proceder ao arrebatamento dos irmãos! Mas

havia uma Sabedoria por trás de cada desafio!

Então...

Será que hoje em dia, a bruxa “da vez”, veio da China, voando com seus “morcegos” por todos os Continentes da Terra?

O que provocam em nós?

Sabemos que tivemos de sair da nossa zona de conforto, mas sem as “pedrinhas brilhantes e nem as migalhas de pão” para nos orientar a retornar para o mesmo trajeto “normal”.

Estamos tendo agora de percorrer o caminho do “destino” (como João e Maria) mas... estamos duvidando que exista uma guiança da Inteligência Cósmica permitindo que esses desafios nos confrontem! Pelo fato de não termos essa consciência, achamos que fomos “expulsos” da família coletiva e fomos lançados à própria sorte, numa desconhecida “floresta”.

Anjo Guardião é um ser que tem, entre outras, a missão de fazer cumprir em nossa existência, todas as provas necessárias para o nosso aperfeiçoamento!

Portanto, há um propósito evolutivo que atua adiante de nós e nos atrai a situações necessárias para a nossa evolução: o que precisamos aprender vem ao nosso encontro, quer vivamos na Zona Norte ou Nova Zelândia! Os desafios (individuais ou coletivos) são acompanhados das “ferramentas”, mas o manual de instruções temos de decifrar!

Os irmãos inseparáveis foram “expulsos” de um lar árido, mas aprenderam a constituir uma nova ordem de cooperação, confiança e integração para que enfim...a solução aparecesse!

“Joões” e “Marias” não são apenas irmãos, duplas ou “casais”! Eles são cada um de nós que precisamos com calma, estabelecer projetos conscientes, resilientes e consequentes, para superarmos as provas que essa nova “bruxa”, nos impõe!

Com perseverança, tranquilidade, raciocínio, amor e fé conseguiremos suplantarmos as dificuldades que esta situação árida exige de nós. João e Maria são a integração entre Espírito e Alma dentro de cada um de nós! Essa comunhão interior nos alavanca a um patamar de Clareza e Bom Senso que nos traz a consciência para verificarmos a justa direção do caminho, rumo ao nosso ser interior! Encontraremos os tesouros!

Precisamos exorcizar essa “bruxa” na “pira” da transmutação que só um coração simples, ingênuo e alinhado com os propósitos Superiores consegue abarcar! Por estes dias, a Vida nos “conVida” novamente a olharmos para o nascimento de Jesus menino dentro de nós. Da manjedoura em nosso coração sincero, perceberemos a Luz Divina que nos inspira, e traz a Confiança no presente de superação! ★





## A VOZ DA COMUNIDADE

# O Respeito e a Inclusão

por Mônica Raquel Vaz Sant'Anna e Cássio de Sant'Anna  
Pais da Carolina Vaz Sant'Anna (Lina) formanda do 12º Ano da EWFA



intuito deste texto é dividir nossa experiência e esperamos, com nosso depoimento, colaborar de alguma forma com outras famílias.

Vimos de uma formação conservadora, sempre estudamos em colégios particulares e tradicionais. Quando tivemos nossas filhas, demos continuidade a este mesmo modelo e funcionava bem. Nossa filha mais velha estudou durante todo Ensino Fundamental em um colégio tradicional da Zona Norte de São Paulo e optou por fazer o Ensino Médio no Colégio da Zona Sul da Capital. A Lina estudava no mesmo colégio que a irmã e, apesar de terem personalidades bem diferentes, não havíamos tido nenhum problema maior até que ela chegasse à adolescência.

Já no último bimestre do 8º ano, a Lina começou a apresentar uma certa insatisfação com o sistema da escola, a questionar a importância

de alguns conteúdos, reclamar do volume das lições e das provas (diariamente ela gastava ao menos duas horas fazendo as lições de casa e tinha, além das avaliações mensais, duas semanas de provas bimestrais normalmente com duas provas por dia). Porém, ela adorava os amigos que tinha feito ao longo dos anos e este era o grande incentivo para ir à escola.

Na época das provas, a “casa” ficava muito tumultuada, vivíamos uma constante batalha para que ela estudasse. O ambiente estava a cada dia mais estressante.

O ano acabou aos trancos e barrancos e veio o 9º ano, quando os problemas só pioraram. Costumamos dizer que a família toda estava adoecida. Eram constantes discussões, gritos. A Lina começou a apresentar dificuldades para dormir, especialmente em semana de provas. Nossa outra filha também sentia as mudanças do ambiente familiar, que não estava nada saudável! Com a conclusão do Ensino Fundamental, pensamos em trocá-la de

escola, mas encontramos uma resistência grande por parte da Lina, especialmente pelos vínculos afetivos que tinha formado e pela expectativa e o sonho de concluir o Ensino Médio no mesmo colégio que estudou por dez anos. Insistimos mais um pouco na escola em que ela estava e não é preciso dizer que não funcionava mais.

Antes de contarmos como chegamos à Waldorf vamos falar um pouquinho da Lina. Ela tem uma personalidade muito extrovertida, é sociável, divertida. As atividades extra curriculares que escolhia eram teatro, capoeira, futebol, coral, oficina dos menstruais, canto... Teve sempre uma habilidade especial para escrever e muita facilidade com a língua inglesa.

Escrevendo agora nos parece “muito óbvio” e fácil de enxergar que as necessidades dela eram realmente outras, mas, quando estamos inseridos dentro da situação, nem sempre é fácil ter este distanciamento e esta



percepção, até porque achávamos que estávamos oferecendo o que tinha de melhor. Havíamos procurado pela melhor escola da Zona Norte, com os maiores índices de aprovação nos melhores vestibulares. Qualquer mudança nos parecia para pior.

No primeiro semestre do 10º ano optamos finalmente pela mudança e começamos a procurar alternativas. Não queríamos uma escola com o mesmo sistema de ensino, cuja única diferença fosse uma menor cobrança de rendimento.

Queríamos oferecer a Lina algo que viesse ao encontro das suas habilidades e que pudesse desenvolver seu potencial. Foi quando o Cássio, pai da Lina, lembrou de ter tido primas e tias que haviam estudado numa escola Waldorf, porém na época ele era adolescente e não se atentava muito para isto, mas lembrava que era uma proposta bem diferente.

Fizemos uma busca na internet e descobrimos que a escola Waldorf Francisco de Assis sempre esteve a dois quilômetros da nossa residência. As descobertas não pararam por aí, conversando com familiares soubemos que Marianne, esposa do Rudolf Lanz, era irmã da bisavó da Lina e eram pessoas com as quais convivemos por bastante tempo sem sequer sabermos de nada. Assim também foi com o Waldemar Setzer, com quem tivemos muito contato em muitas festas familiares durante anos.

Fomos buscar informações também com quem já conhecia a escola. Thiago Borazanian, nosso primo, cujo filho é aluno da escola, é testemunha das dúvidas e inseguranças que tínhamos. Carinhosamente dividiu sua própria experiência e nos incentivou bastante.

Ao procurarmos a EWFA fomos muito bem recebidos desde o início. Nossa entrevista foi com a professora Angela, com quem dividimos nossas angústias e receios e sanamos algumas dúvidas. Saímos esperançosos e com uma boa expectativa.

As férias de julho foram de muita ansiedade, para nós e para a Lina. Ela já tinha se desligado do Colégio anterior, mas teríamos que aguardar até agosto para iniciar na nova

escola. Mudanças sempre assustam! No início das aulas o resultado não poderia ter sido melhor, fomos acolhidos com muita generosidade e em poucos dias a Lina já estava inserida no contexto e feliz.

Logo na primeira semana de aula fomos convidados para uma pizza artesanal na casa dos pais de um colega de classe. Estranhamos e até pensamos em não ir, mas fomos. Já neste encontro percebemos inúmeras diferenças. Posso citar rapidamente algumas: os pais trabalhando juntos, fazendo a própria pizza, a tutora Mariana presente no encontro, muito atenciosa e acessível, os jovens juntos no mesmo evento que os pais. Em uma semana de aula já conhecíamos os pais dos colegas de classe e já éramos conhecidos por eles. Durante nossa experiência de quase quinze anos na outra escola, nunca havia acontecido. Um acolhimento ímpar a nós e à nossa filha!

À princípio, tanto a Lina quanto nós, continuávamos buscando orientações sobre provas, notas, médias, boletins, aprovação... mas aos poucos fomos percebendo a dinâmica da filosofia Waldorf, as mudanças, as diferenças, as novas referências e com isto vieram os ganhos. Em pouco tempo foi possível notar um grande alívio nas nossas vidas. A medida em que desacelerávamos o ritmo em algumas coisas, aprendíamos outras, vivenciávamos novas experiências. Trabalhar num evento escolar foi algo inédito para nós. Fazer objetos artesanais para colaborar com a escola também não foi nada simples para quem não tem nenhuma habilidade. Surpreendentemente estas atividades nos trouxeram uma grande satisfação. Às vezes sentimos falta de um senso mais prático e objetivo na escola, ao qual estávamos acostumados, mas de forma nenhuma isto se sobrepõe a todos os benefícios que tivemos.

Podemos afirmar que foi uma grande transformação para todos nós, que ainda está em curso. Não é simples mudar tanto depois de tantos anos agindo de outra forma. Respeitamos as diversidades, mas quando nos deparamos com estas dentro da nossa casa, torna-se um grande desafio. Entendermos as reais necessidades da nossa filha e enxergarmos que somos bem diferentes dela e, portanto, que aquilo que é bom para nós provavelmente não será para ela, foi

um processo. As coisas têm o tempo certo para acontecer. Se alguém sugerisse a EWFA lá atrás, antes de passarmos por tudo, provavelmente faríamos outra opção.

Nossos problemas não terminaram, ainda temos uma filha adolescente, ainda estamos buscando ajustes, tentando acertar. Ainda estamos aprendendo muito, mas sentimos que demos um grande passo e que estamos na direção certa. Nossa passagem pela Escola Waldorf Francisco de Assis infelizmente foi muito breve, pois a Lina se forma neste final de ano, porém, mais uma coisa que aprendemos: os vínculos formados prevalecem, não terminarão com a graduação. Sei que seremos sempre acolhidos e bem recebidos por esta grande família à qual só temos que agradecer.

## Sou Lina, formanda do 12º ano

Estudei em um colégio tradicional pela maior parte da minha vida, e só cheguei a conhecer o ensino Waldorf na segunda metade de 2018, quando estava finalizando o primeiro ano do ensino médio. A princípio foi um choque sair de uma escola tão grande, onde existia pouca consideração com a saúde mental e emocional dos alunos, e entrar em uma escola como a Waldorf, onde aprendi desde o primeiro dia que o bem estar dos estudantes é de extrema importância para os professores e funcionários. Existe uma grande preocupação com todos.


Além de ser introduzida a um ambiente onde todos cuidam e se importam conosco, pude trabalhar com coisas que não eram tão exploradas no meu antigo colégio, como a música. Existe um grande reconhecimento e uma grande valorização pela arte na escola, o que eu estranhei no começo, mas amei desde o primeiro dia.

Por fim, todos foram muito receptivos e carinhosos comigo desde o momento em que entrei. O respeito e a inclusão que este colégio pratica e ensina é essencial, e deveria ser motivo de inspiração para outros colégios. Embora breve, meu tempo na Waldorf foi incrivelmente bom e mudou minha visão sobre muitas coisas. ★



## É ASSIM QUE SOMOS O Sentimento que Reínava em Mim

por Kyrieh Tonelli Racy Ferreira | Ex-Aluna da EWFA

 Mais um ano prestes a se completar e, como sempre, para mim, o momento é de reflexão sobretudo o que fizemos ou deixamos de fazer, sobre o que tiramos como lição após cada dificuldade que enfrentamos, sobre os momentos bons e felizes que tivemos, mas também é um momento de inspiração e preparação para buscarmos ser um pouco melhor para o novo ano que se aproxima. Esse ano fui agraciada com a oportunidade de relatar minha trajetória após a conclusão de meu Ensino Médio na Francisco por

parte daquela que me possibilitou desenvolver-me enquanto indivíduo nessa escola de maneira leve e feliz mesmo com todas as provas que são colocadas em nosso caminho e que devemos enfrentar, assim como Micael encarou sua maior prova de coragem ao enfrentar o terrível dragão. O exercício da memória é um exercício que eu entendo enquanto muito difícil, bastante necessário. Em muitos momentos da vida revisitamos nosso passado buscando algo que precisamos naquele momento, força, boas lembranças, aprendizados, enfim... e nesse ano atípico revisitar o

passado foi um exercício que muito pareceu triste por conta de vários momentos que não pudemos reviver, no entanto, para mim, ainda assim, foi muito feliz. Logo após minha saída do Ensino Médio, o sentimento que reinava em mim foi o mesmo que o de Pegasus quando abriu as asas em seu primeiro voo, um sentimento de liberdade, de que poderia fazer o que desejasse, e não à toa foi o que fiz. Decidi que gostaria de conhecer o Nordeste desse meu País, conhecer a Bahia, me reencontrar com o mar e conhecer uma nova face de mim, que já havia se transformado em uma



mulher e que carregava comigo a responsabilidade de cuidar de mim mesma. Me aventurei e descobri novas faces do mundo assim como Sidharta quando teve que sair de seu majestoso palácio e iniciar seu percurso por outros ambientes que lhe eram estranhos. Após minha jornada voltei para casa e decidi explorar as faculdades que havia desenvolvido dentro da escola. Primeiramente me debrucei sobre o macramê e me arrisquei a vender meus trabalhos em feiras e eventos de artesanato, até que decidi me desafiar e aceitar uma proposta que recebi para trabalhar em um galpão onde seria produzido o cenário para uma ópera. Esse foi um dos melhores momentos da minha vida, creio eu. Sempre tive uma conexão muito forte com a arte e ver que o trabalho que eu produzia com as minhas mãos rendia tão grandes frutos e era tão apreciado por outras pessoas me deixava extremamente feliz. Junto com esse trabalho, outro que viria a definir minha vocação já estava em curso também. E este outro eram as aulas de Inglês que eu lecionava com uma grandíssima e querida amiga em sua casa, para um grupo de crianças que davam muito trabalho, mas que eram muito queridas.

Após esse meu ano de experimentações, descobertas e aventuras, decidi que havia chegado à etapa em que deveria me preparar para o meu futuro. Um belo dia então, levantei-me e, sem mais nem menos, fui me inscrever no cursinho perto de casa. Tudo que eu havia experimentado sobre o que era a Educação virou de cabeça para baixo quando recebi, no primeiro dia de aula, um monte de apostilas e provas; quando entrei em uma sala de aula com mais umas cem pessoas onde os não era possível saber o nome de todos os alunos, quando me deparei com um prédio azul e branco, sem vida, sem cor... mas de cabeça erguida enfrentei aquele novo desafio, o que não foi fácil. Demorei um pouco para me adaptar, mas entre trancos e barrancos consegui concluir esta etapa. Entretanto, não que tive apenas experiências ruins no cursinho, conheci muitas pessoas

que trago até hoje na minha vida, entrei em contato com numerosos debates importantíssimos que me ajudariam muito na faculdade e, principalmente, na vida. Concluída essa fase, no final do ano após todo o nervosismo das provas, recebi a notícia maravilhosa de que havia conseguido passar em uma universidade pública, a Unesp, em um curso, Ciências Sociais, que havia selecionado de última hora, após tantas discussões com meus plantonistas do cursinho.

O ano de 2018 foi mais um ano de voo em direção ao mundo. O curso que havia selecionado era ofertado em uma cidade que não conhecia chamada Marília. Desde então, após três anos fora de casa, apesar de uma saudade imensa da minha vida em São Paulo, estou adorando construir uma nova aqui nessa cidade compreendendo a importância de toda essa vivência pré-universitária que tive a oportunidade de ter.

Durante nossos anos dentro de uma escola Waldorf passamos por várias experiências, somos orientados de maneira diferente.

Somos educados através de processos artísticos e muito profundos, aprendemos eurtmia, tricô, marcenaria e escultura.

Os conteúdos nos são contados através de histórias, lendas, mitos e enquanto nós, alunos, mesmo sem muito compreender o porquê, nos dispomos a todas essas experiências, de tal maneira que passando por tudo isso, somos amparados nesses processos para que diferentemente de Parsifal, ao encontrarmos com a “pergunta”, teremos não apenas a intenção, mas a faremos conscientemente.

Particularmente, o sentimento que carrego de toda essa experiência que tive e a compreensão que tenho dos motivos pelos quais as coisas são feitas de tal forma na Waldorf é a preocupação com o preparo do jovem para o mundo, mas de maneira que more dentro dele a tranquilidade e a certeza do que está fazendo e escolhendo fazer. Pelo menos é como eu me sinto e quando relembro todos esses anos de aprendizados dentro e fora da Francisco. ★







## NOSSO ALIMENTO

# HISTÓRIA e RECEITA

por Bernadete Megumi Tamakoshi Kambe / Chef de cozinha, professora de Arte Culinária da EWFA



ra uma vez uma mulher que se queixava para o marido que queria ter um filho, porém ambos já eram mais velhos. A velhinha então decidiu

fazer um biscoito de gengibre em formato de boneco e colocou no forno para assar. Quando ela abriu o forno, o biscoito pulou da forma e saiu correndo pela janela aberta da cozinha.

O casal correu atrás dele na esperança de comê-lo para saciar sua fome. O boneco gritava: "Corram! Corram! Corram o mais rápido que puderem! Vocês não podem me pegar! Eu sou o Gingerbread Man". Enquanto corria, o Gingerbread Man encontrou um porco, uma vaca

faminta e um cavalo que também queriam devorá-lo. Gingerbread Man falou mais uma vez: "Corram! Corram o mais rápido que puderem! Vocês não podem me pegar! Eu sou o Gingerbread Man!"

Então, o biscoito de gengibre percebeu que estava correndo em direção ao rio. "Oh, não! O rio! Agora eles vão conseguir me pegar! Como eu vou conseguir atravessar o rio?", ele se perguntou.

Foi nesta hora que uma esperta raposa saiu de trás da árvore e se dispôs a ajudar o biscoito-homem a atravessar o rio. O biscoito pulou em seu rabo e lá se foram eles atravessando o rio. Quando estavam quase chegando à outra margem, a raposa pediu para ele pular no seu

focinho para não afundar. Apesar do medo de ser comido pela raposa, o Gingerbread Man pulou no focinho dela. Então, ela o jogou para o alto, com a intenção de agarrá-lo com a boca para matar a sua fome.

Mas o homem de biscoito era mais esperto do que a raposa e saiu correndo, dizendo: "Corra! Corra! Corra o mais rápido que puder! Você não pode me pegar! Eu sou o homem de biscoito de gengibre!" A raposa escorreu na margem do rio, caiu na água e foi levada pela correnteza.

E, desde esse dia, o homem de biscoito de gengibre corre por aí, sem que ninguém consiga pegá-lo. ★



## BISCOITO NATALINO DE GENGIBRE

### Ingredientes

- ♦ 100 g de manteíga sem sal
- ♦ 1 xícara de chá de açúcar mascavo
- ♦ 4 colheres de sopa de mel
- ♦ 1 ovo
- ♦ 1 colher de café de gengibre em pó
- ♦ 1 colher de sobremesa de bicabornato de sódio
- ♦ 2 xícaras e meia de farinha de trigo

### Modo de preparo

1. Em uma panela coloque a manteíga, o açúcar e o mel. Leve ao fogo e misture até derreter;
2. Transfira para uma tigela, acrescente o ovo, o gengibre em pó e o bicabornato de sódio e misture;
3. Junte a farinha de trigo aos poucos mexendo sempre até que a massa fique consistente. Deixe descansar no refrigerador por 2 horas;
4. Em seguida retire a massa e abra numa espessura de meio centímetro;
5. Corte no formato desejado, coloque numa assadeira (não precisa untar) e leve ao forno pré-aquecido a 180°C até dourar (aproximadamente 10 a 15 minutos);
6. Retire do forno e deixe esfriar. Depois decore com a cobertura de glacê.

## GLACÊ DE AÇÚCAR

### Ingredientes

- ♦ 300 g de açúcar ímpalpável
- ♦ 2 a 3 colheres de sopa de água ou se preferir sumo de limão
- ♦ Corante comestível em gel na cor que preferir

### Modo de preparo:

Peneire o açúcar e acrescente aos poucos a água ou limão. O ponto ideal é formar uma pasta lisa. Pingue algumas gotas de corante e mexa bem. Coloque em sacos de confeiteiro e utilize para decorar bolos e biscoito.



Os biscoitos da foto foram feitos pelos alunos da EWFA 10º ano 2019 como última receita do curso de arte culinária.

Estes biscoitos podem ser presenteados, pendurados em árvore ou até em guirlanda de Natal.

Fonte: <http://blog.milon.com.br/>

# ACONTECEU EM CASA

35 anos  
da EVVFA

04 OUT



Portas  
Abertas

10 OUT  
21 NOV

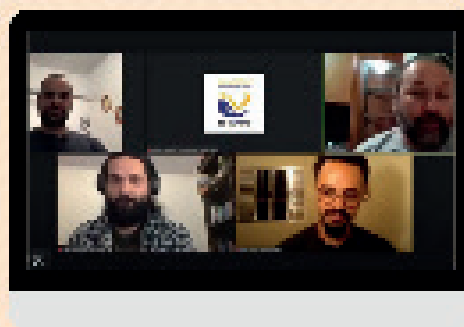


Ciclo de Palestras

Olhar para o futuro;  
Transformar o mundo



29 OUT / 05-12-19 NOV



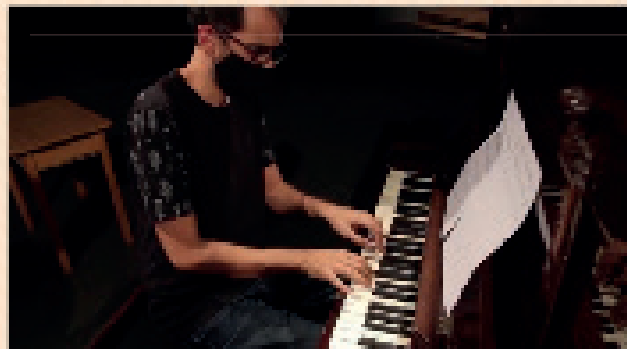
Curso

Comunicação  
Não-Violenta

09-16-23 NOV

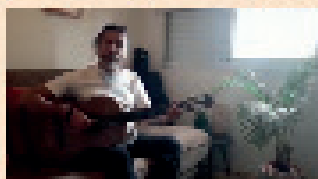






## Show na Francisco

11 DEZ



## SHOW NA FRANCISCO

Escola Waldorf Francisco de Assis

Grandezas nomes da música brasileira em apresentação extraordinária!

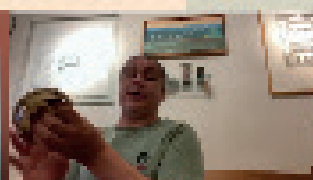


Viviane Bonato, Denis Violante, Pedro Viçosa, Breno Ruiz, Eduardo Sadi, Nêta Galvao, Renata Druz

Show musical em benefício da Escola

Apresentação Ingrid Veríssimo e Luciano Vazzoler ao piano

11 DEZ | 20h



## Exposição Pedagógica

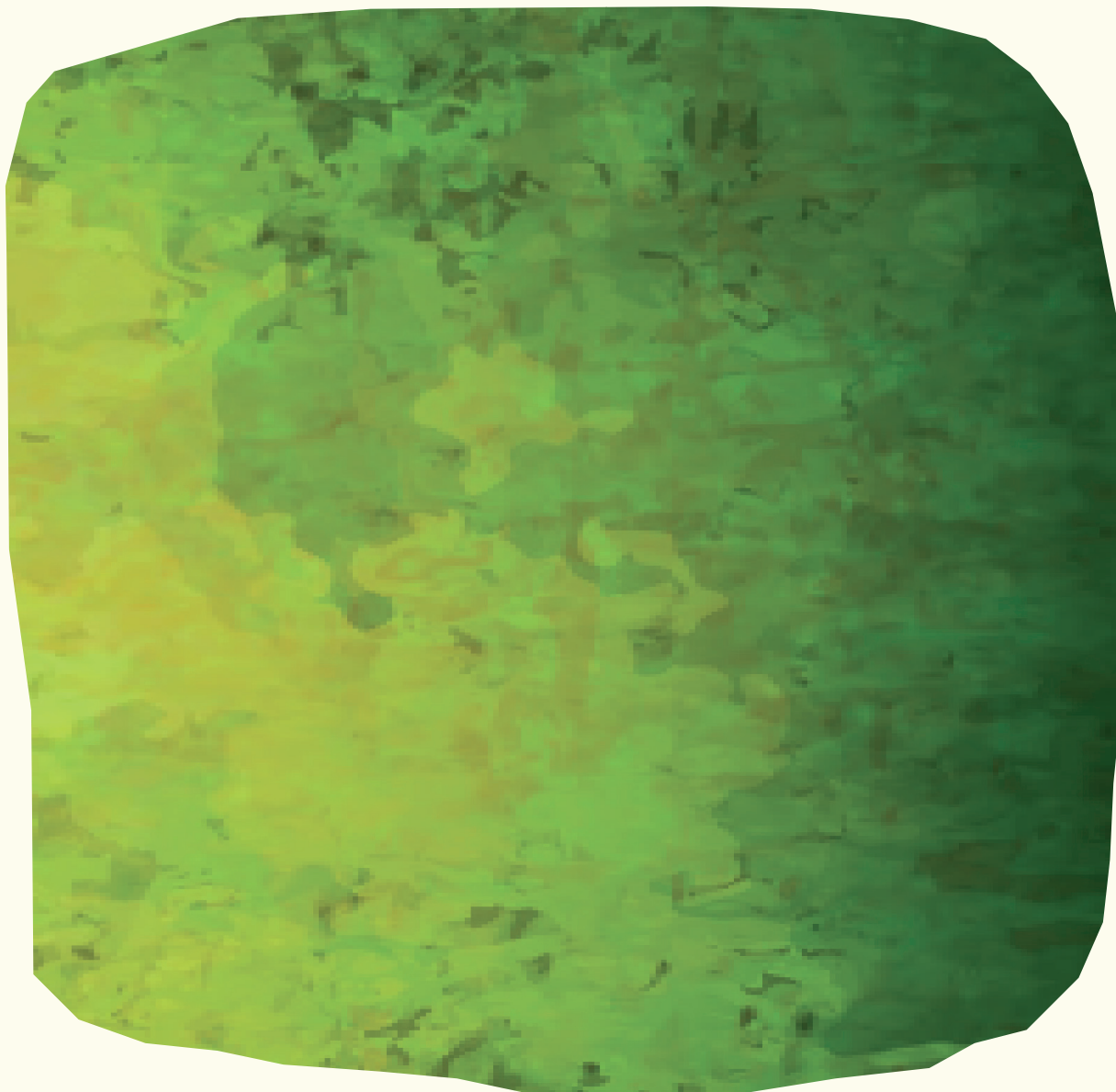
19 DEZ



## Coral do Ensino Médio

23 DEZ





## INSTÂNCIAS GOVERNANÇA

por Denise Seignmartin e Veridiana Gincó



fa! Que ano  
desafiador que  
todos nós tivemos...  
Como diz  
Guimarães Rosa:

*“O correr da vida embrulha tudo,  
A vida é assim:  
Esquenta e esfria,  
Aperta e desfrouxa,  
Sossega e depois desinquieta.  
O que ela quer da gente é coragem.”*

E foi assim, um ano de  
ressignificar, aprender com o  
inusitado e seguir a vida escolar  
com coragem. Um dia estávamos  
todos na escola com os nossos

queridos alunos e de repente,  
como que num pesadelo, fomos  
impossibilitados de nos encontrar.  
Imediatamente nos readaptamos  
para um ensino à distância  
através das aulas remotas, com o  
cuidado de manter aquecidos os  
corações, tanto dos alunos como  
dos pais, diante da circunstância  
estabelecida.

Agradecemos imensamente  
aos pais que da noite para o dia  
tornaram-se a extensão do nosso  
trabalho, nosso braço direito e  
que sem isso, não teríamos dado  
conta dessa tarefa tão preciosa de  
educar. Pais que aprenderam muito

nesse percurso e se surpreenderam,  
reconhecendo o quão rica e  
maravilhosa é a nossa pedagogia.

Agradecemos aos professores  
que de pronto “dançaram  
conforme a música” e tornaram-se  
“especialistas” em informática...  
Porém, apesar de todos os  
esforços, ainda paira a sensação de  
que está faltando alguma coisa....  
Sim, falta o abraço, o olho no olho,  
o cumprimento na porta da sala, a  
conversa na porta da escola, enfim,  
o contato humano.

A Governança é imensamente  
grata aos pais e professores que



nesse ano “torto” estiveram remando juntos: ora tirando a água do barco para que ele não afundasse, ora remando num ritmo intenso para não ir de encontro ao redemoinho e ora soltando o remo e deixando ser conduzido pela sabedoria que reina atrás de tudo. Como diz o poeta tcheco Vaclav Havel:

*“Esperança é uma orientação do espírito, uma orientação do coração. Não é a convicção de que tudo vai dar certo, mas a certeza de que algo faz sentido, independente do que acontecerá.”*

Seja o que virá, esperamos que no próximo ano possamos remar novamente juntos, na certeza de que a bonança virá e que remaremos em águas tranquilas para que tão logo cheguemos em terra firme e possamos nos abraçar.

## CONSELHO DELIBERATIVO

por Pedro Cerri

### Caríssimos

Bem, entrando em 2020, nessa encarnação, nunca pensaríamos em experimentar uma situação como a que estamos sendo submetidos, viver o ano do COVID.

Nos nossos estudos de Antroposofia aprendemos que nada é por acaso. Se esses fatos estão acontecendo é porque a direção que estávamos dando para as nossas vidas necessitava de uma reavaliação e uma mudança precisaria ser providenciada, tanto no âmbito pessoal como no coletivo.

É imperativo iniciar o processo pelo Espiritual, pois sabemos que a origem da situação que vivemos hoje, provem de lá.

Em termos pessoais precisamos reavaliar, com simplicidade e modéstia, o essencial e o supérfluo, ou seja, o egoísmo, a vaidade e o orgulho devem ser combatidos.

Em termos coletivos, precisamos cada vez mais trabalhar internamente a fraternidade, a igualdade e liberdade; compreendendo-nos mais uns aos outros. Estamos vendo, durante esses meses, um certo progresso nesse sentido.

Na Escola estamos percebendo o esforço de todas as instâncias no sentido de amparar as crianças para minimizar os efeitos da ausência das aulas presenciais. A compreensão e entendimento entre todos é a chave para sairmos fortalecidos desta situação.

Necessitamos estar cada vez mais unidos, sem dúvida as crianças serão as maiores beneficiadas; portanto, não podemos hesitar em nos unirmos.

Nesse ano, o *Grupo de Estudos da Antroposofia* terminou a leitura do livro “As Manifestações do Carma”. Na última conferência Steiner coloca em uma das últimas frases que o ser humano necessita crescer, para sua evolução espiritual em amor e sabedoria. Vamos nos lembrar dessa máxima nesse ano que chegará.

*Apresentamos, nessa oportunidade a nova composição do Conselho: Pedro Cerri, Prof. Patrícia Sigl, Vidal Bezerra, Tereza Racy e Bernadete Kambe.*

## DIRETORIA EXECUTIVA

por Monica Ballaminut

### Estamos chegando ao fim de 2020!

O ano que marcou a história com uma das piores crises na saúde mundial com impactos em todos os setores da vida social e individual. Todos fomos afetados de alguma forma.

Para nós da EWFA, foi percebida a facilidade em adaptar-se ao novo cenário, arregaçamos as mangas

e dia a dia fomos lidando com as diversas situações que a crise gerou. O que no início parecia ser incontrolável, aos poucos, foi sendo superado e equilibrado. Estamos falando da crise financeira, que em maio projetava consumir todas as reservas da escola e que, neste fechamento de exercício, com as diversas ações da comunidade conseguimos preservar os recursos necessários para iniciar o próximo ano letivo - 2021.

O próximo ano ainda será bastante desafiador, mas nossa comunidade mostrou que tem a resiliência necessária para prosseguirmos e voltarmos a prosperar em união fraterna. O exemplo mais vivo disso é a nova casa do Jardim de Infância que em meio a toda crise conseguiu nascer e está linda e pronta para receber as crianças do Ensino Infantil, na **Av. do Guacá, 33!**

Registramos aqui nossa gratidão por todos que ajudaram a carregar a Francisco nesse período sem igual. Agradecemos especialmente a nossa querida Bernadete Kambé, *Presidente da AHFA* em 2020, que deixa este grupo no qual contribuiu por vários anos com dedicação e generosidade. Agradecemos também as professoras do Jardim de Infância pelo grande empenho na casa nova do Jardim e ao Grupo de Comunicação que colocou a Escola nas redes sociais e mantém a divulgação com constância.

Apresentamos a nova formação da Diretoria Executiva para **2021**:

Diretor Presidente  
**Alessandro Martinez**  
(pai da Maria Eduarda do 8º ano)

Diretora Vice-Presidente  
**Marina Brito**  
(mãe da Anna do 7º e do Bento do 5º)

Diretora Tesoureira  
**Mara Silva**  
(mãe da Julia 5º ano)

Diretor Secretário  
**Daniel Andrade**  
(pai da Isadora do 6º ano e do Martin do Jardim)

Diretor Vice-Tesoureiro  
**Rodolfo Komatsu**  
(pai do Victor do Jardim)

Diretor Vice-Secretário  
**Ricardo Perez**  
(pai do Felipe do 11º e do Gustavo do 8º)

**Feliz Natal e um Novo Ano em que o que todos esperamos venha a acontecer.**



## NA FUNÇÃO Delicadas impressões

por Redação IF| Fotos: Thiago Borazanian

**A**ndrea Teles Lopes de Azevedo, apesar de ser formada em Pedagogia, nunca atuou na área. Foi do mundo corporativo na maior parte do tempo, trabalhou em uma empresa de autopeças por oito anos e depois foi trabalhar com um dos filhos do dono dessa empresa, empreendimento deste, onde ficou por longos dezesseis anos. Foi desligada por conta de uma crise na empresa. Passou os dois anos seguintes trabalhando em diversos locais, buscando alcançar o seu espaço, além de não ficar parada. Trabalhou na confecção de uma amiga; tentou a representação de jeans de uma marca mineira e nesta busca acabou fazendo muitos doces, com a cunhada. Após esse período, ficou sabendo de uma vaga para trabalhar na Secretaria

da Francisco. Encaminhou o currículo e, depois de passar pelo processo seletivo, foi escolhida para fazer parte do grupo da Francisco.

Andrea, cursou um ano e meio de química industrial. Mudou para o curso de Pedagogia, mas já estava no mundo empresarial. Mudou de curso porque sempre gostou de crianças e queria conhecer melhor esse mundo, mas a vida a levou a permanecer no mundo empresarial. “Há uma dificuldade para se fazer mudanças quando sempre se trabalha em empresas. Há uma certa acomodação diante da segurança que se tem com esse tipo de trabalho, além disso, sempre participei financeiramente da vida familiar”.

Andrea é casada há vinte e um anos e tem uma filha, Lara, no 9ºW, que estuda na escola desde o sexto ano

(2018), vinda de uma escola baseada na ideia sóciointeracionista. “Foi uma mudança muito difícil, não só porque seria para uma escola Waldorf. Teria sido difícil para qualquer outra escola. Onde a Lara estudava ia só até a quinta série. Uma única professora, que a acompanhou ao longo dos cinco anos, e os amigos foram os fatores mais difíceis para a mudança. Foi uma ‘sofrença’ para ela a adaptação. Mas pensa que, com todo o carinho e acolhimento da professora, tudo se tornou possível. Como mãe babona que sou, sinto que em toda a escola, ela é a aluna mais Waldorf que tem no pedaço!”.

Andrea já conhecia a Pedagogia, porque seus sobrinhos estudaram na escola desde o Jardim da Infância. “Não era algo que me encantasse; quando não se conhece a gente julga pelo que imagina.



Achava que era muita fantasia, um mundo à parte, criando as crianças de forma muito diferente.” Hoje diz que a escolha não poderia ter sido melhor. E o fato de trabalhar na escola, poder acompanhar a educação da filha, conhecer os amigos e os pais dos amigos, é de extrema importância.

Andrea diz que, olhando a Pedagogia, talvez pudesse pensar em fazer a especialização, para compreender mais, entender o que se vivencia, e não para ser professora. “Entre na escola para trabalhar na Secretaria, gosto muito do que faço, poder acompanhar o dia a dia da ‘criança’, ver a evolução de cada um deles me deixa muito feliz. Aprendo muito com os pequenos e com os jovens também, as vezes me vejo fazendo o papel de mãe, orientando, cuidando, dando bronca o que me permite acreditar estar fazendo o que tenho de melhor dentro de mim. Sinto uma grande felicidade em ver a evolução das crianças que chegam à escola com alguma questão e ver que a escola se coloca pronta para atender essas famílias que buscam apoio, parceria e acolhimento me deixa muito emocionada. Mas, infelizmente, não são todos os casos que é possível abarcar na escola devido a certos comprometimentos, aí o coração fica partido”.

Andrea tece delicadas impressões sobre a administração e acredita que “cada vez mais se deve buscar a união e empatia entre todas as instâncias. Essa melhoria da conexão faz tudo ser mais harmônico. Sou da paz, faço tudo para que as coisas caminhem bem”. Diz que sonha em ver a escola cheia, “pois trabalhamos para isso. Sei que não é uma escola barata, infelizmente não está ao alcance de todos que a procura, mas com a casa cheia quem sabe esta realidade não possa ser diferente. Acredito que quem está aqui é porque acredita na Pedagogia e nos profissionais que compõem o nosso espaço”.

E, arremata dizendo que ver a realização do sonho dos pais, professores e instituição se transformar em realidade com a nova casa do Jardim da Infância é gratificante e encantador. “O espaço é realmente a extensão da sua casa.”★

**Virgem! filha minha  
De onde vens assim  
Tão suja de terra  
Cheirando a jasmim  
A saía com mancha  
De flor carmesim  
E os bríncos da orelha  
Fazendo tlíntlin?  
Minha mãe querida  
Venho do jardim  
Onde a olhar o céu  
Fuí, adormeci.  
Quando despertei  
Cheirava a jasmim  
Que um anjo esfolhava  
Por cima de mim...**

**(A Anunciação,  
Vínicius de Moraes,  
Nova Antologia Poética)**







## VIDA EM VERSO

# Natal - O Canto Salvador

por *Machado de Assis* e *João Camilo*

“Um homem – era aquela noite amiga,  
Noite cristã, berço do Nazareno –  
Ao relembrar os dias de pequeno  
E a viva dança, e a lépida cantiga,

Quis transportar ao verso doce e ameno  
As sensações de sua idade antiga  
Naquela mesma velha noite amiga  
Noite cristã, berço do Nazareno.

Escolheu o soneto... A folha branca  
Pede-lhe inspiração; mas frouxa e manca,  
A pena não acode ao gestou seu.

E em vão lutando contra o metro adverso  
Só lhe saiu este pequeno verso:  
**Mudaria o Natal ou mudei eu?”**

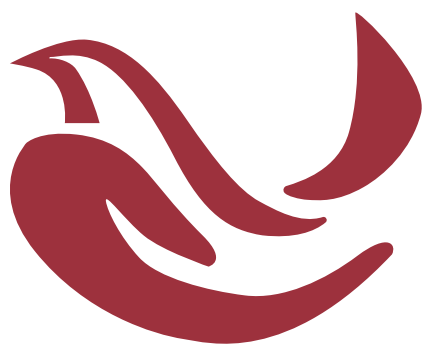
De live em live, chega a derradeira do ano.  
Um “ad-vento” frio sopra  
E agora, José?  
A noite esfriou. Mas você é duro, José. Os tempos são duros.  
Mas Ele segue a caminho de Belém, com Maria e o burrinho.  
Na manjedoura ainda resta a palha dos dias, para ruminar  
A pergunta machadiana:  
**“Mudaria o Natal ou mudei eu?”**

Roda na lembrança uma doce menina com sua lanterna apagada:  
- Sinto muito, não posso acendê-la.  
E ela segue no rumo do Sol:  
**“A luz apagou, buscá-la eu vou...”**

Ainda estão no ar vozes que tantas vezes soaram fortes  
e sublimes na igreja amarela do Tremembé.  
Por mais que o ad-vento sopra frio nesta noite, um canto ancestral, de  
tempos imemoriais, insiste em vir nos aquecer o coração e fazer esta noite feliz:  
**“Eis que no ar vem cantar...”**

Maestro Luciano, de tantas horas canoras, trouxe-nos, neste  
ano agônico e resistente, o canto e o convite:  
Sing your song all day long!  
Raise your voice!  
It's a simple choice.

Uma simples escolha:  
Ergamos, unidos, uns aos outros, neste Natal.  
Ergamos nossas vozes e  
Cantemos o Canto Salvador.



**Escola Waldorf  
Francisco de Assis**

